



III Seminário Científico
TEORIA POLÍTICA DO SOCIALISMO
György Lukács e a Emancipação Humana
17 a 21 de agosto de 2009
FFC – Unesp – Campus de Marilia
SEMINÁRIO INTERNACIONAL

[INICIAL](#)[AUTORES](#)[ORGANIZAÇÃO](#)[EDITORIAL](#)[PROGRAMAÇÃO](#)[MESAS](#)[SAIR](#)

ATIVIDADE COTIDIANA E O PENSAMENTO NÃO COTIDIANO COMO NECESSIDADE GESTADA NO ENFRENTAMENTO DA NATUREZA: O COTIDIANO COMO PAI DA CIENCIA. Deribaldo Santos (FECLESC - Universidade Estadual do Ceará) Francisca Maurilene do Carmo (FAFIDAM - Universidade Estadual do Ceará) Regina Coele Queiroz Fraga (FAEC – Universidade Estadual do Ceará). Pesquisa sem financiamento.
reginacoeleqf@hotmail.com/deribaldosantos@yahoo.com.br

1 Introdução

A pesquisa bibliográfica pretende analisar as categorias lukacsianas com o intuito de gerar discussão atualizada sobre matéria que, nas universidades cearenses, se apresenta, de modo significativo, ‘adormecida’. Em primeiro lugar apresentamos as categorias para a posterior exemplificarmos com o filme *A Guerra do Fogo*. Consideramos que essa discussão nos ajuda a realizar crítica radical a realidade bem como nos instrumentaliza subjetivamente a compreender a existência humana à luz de práxis revolucionária.

2 As categorias centrais da pesquisa

Lukács (1982), ao investigar sobre a relação entre saber estético e científico vinculados ao saber cotidiano, nos esclarece que, a condição de viver intensamente a cotidianidade leva o homem a ir enfrentando o mundo e o transformando segundo suas necessidades imediatas. O modo como o homem observa seu meio e o utiliza, a forma como ele escolhe instrumentos para realizar seu trabalho, demonstra que, ele sabe se encontrar diante de um mundo externo independente de sua consciência.

Agnes Heller (1970), em sua *Sociología de la vida cotidiana*, estuda sobre a *Estética de Heidelberg* e sobre *La peculiaridad de lo estético*, ambas obras de Lukács, e complementa sobre o que este autor já nos falava. Ela diz que, paralela a essa atividade utilitária, imediatamenteposta, do homem com a natureza, é estabelecida uma atitude teórica, na qual esse mesmo homem, quando está no seu descanso, traz para si, sem

intenção utilitária, um outro tipo de relação, caracterizada pela contemplação, descrição das qualidades, classificação, experimento e síntese ou imagem do mundo.

A atividade cotidiana historicamente, denota características de uma relação do homem com a natureza com base em necessidades e casualidades, que passam por algo pouco consistente no início, para depois, mediante o uso de instrumentos traduzidos em forma de ferramentas, ir pouco a pouco transformando a relação casual em uma relação cada vez mais intencional. No trabalho que adquire sentido coletivo, a relação sujeito-objeto vai se afirmando com nexos causais mais definidos socialmente.

Para explicar essa relação sujeito-objeto, Lukács recorre a Fischer:

O homem em genésis e a até o homem primitivo estão muito ligados a natureza, a divisão entre sujeito e objeto, entre homem e mundo circundante, é durante muito tempo fluida, indeterminada, sem marcar rigorosamente a separação entre o “EU” e o “Não-Eu”, é uma forma sumamente tardia da consciência humana (FISCHER *apud* LUKÁCS, 1982, p. 89).

O pensamento imediato próprio da atividade cotidiana, segundo Lukács, graças ao seu modo de ser espontâneo, fragmentário, heterogêneo, cria uma vida subjetiva oscilante entre decisões fundadas em motivos de natureza instantânea e fugaz e decisões baseadas em fundamentos rígidos das tradições e costumes. Essa forma de ser do pensamento cotidiano, aparentemente desorganizado, possui mediações entre o pensamento propriamente teórico e a prática. Dessa forma abre caminhos para o homem sair do imediatismo da atividade e do pensamento cotidiano e se elevar ao pensamento não cotidiano. Sobre essa evolução do pensamento, Lukács (1982, p. 50) afirma:

Porém essa evolução não é possível senão porque o pensamento humano supera a imediatez da cotidianidade no sentido dito, ou seja, porque se supera a conexão imediata entre o reflexo da realidade, sua interpretação mental e a prática, com o que conscientemente se insere uma série crescente de mediações entre o pensamento teórico – que assim chega a ser propriamente – e a prática. Graças apenas a este ato de superação pode-se abrir um caminho do materialismo espontâneo da vida cotidiana até o materialismo filosófico.

Refletir sobre as coisas e elevar-se sobre elas, através das atividades cotidianas fez com que o homem fosse compreendendo, de modo cada vez mais sistematizado, como podia modificar e dominar essas coisas. A ação consciente sobre o mundo, fez esse homem, com suas limitações físicas, criar instrumentos cada vez mais elaborados que o levavam a se colocar como sujeito que, pensa e age no plano imediato projetando-se para o futuro, mesmo sem ter controle sobre esse futuro, ou seja, um ser que possibilita mediações causais.

3 cotidiano como ‘pai’ da ciência

Como encontramos nas afirmações de Lukács (1982)¹, os reflexos científicos da realidade objetiva são formas de reflexos que se constituíram e se diferenciaram lentamente no curso da evolução histórica e que tem na vida real seu fundamento e sua última consumação. Esse reflexo entendido precisamente como a tentativa consciente de captação do real para apreendê-lo; sem ele, não há trabalho.

[...] as diferenciadas formas de reflexo nascem das necessidades da vida cotidiana, tem que dar resposta a seus problemas e, a misturar novamente muitos resultados de ambas as formas de manifestação da vida cotidiana, fazem a esta mais ampla, mais diferenciada, mais rica, mais profunda, etc., levando-a constantemente a superiores níveis de desenvolvimento (LUKÁCS, 1982, p. 35).

O que marca especialmente o salto ontológico da espécie humana em relação às outras espécies é o momento de planejamento dos atos executados pelos homens, o que chamamos de teleologia, que se traduz na capacidade de projetarmos nossas ações, *a priori*, no pensamento. Para facilitar nosso entendimento, este autor esclarece que o princípio teleológico é *o resultado do processo do trabalho* “já existindo anteriormente mesmo na representação do trabalhador, ou seja, idealmente”. A possibilidade deste tipo de ação pressupõe certo grau de reflexo correto da realidade objetiva na consciência do homem (LUKÁCS, 1982, p. 40).

Esse autor afirma o método de investigação descrito por Marx há muito tempo atrás, mas que é freqüentemente esquecido por aqueles que fazem a história das formações e categorias sócio-econômicas. Lukács prossegue aprofundando suas considerações sobre o método marxiano, relendo o próprio Marx:

De outro modo, as tentativas que apontam a espécies superiores nos animais inferiores não podem ser entendidas mais que quando se conhece já o superior. Assim a economia burguesa oferece a chave para a compreensão da antiga, etc. Porém, não na visão dos economistas que apagam todas as diferenças históricas e vêm em todas as formações sociais a mesma economia burguesa (LUKÁCS, 1982, p. 37).

Para que essa questão fique completamente aclarada, acreditamos ser oportuno reprimir a basilar colocação de Marx, pois compreendemos que nesse pensamento está ancorado o cerne da onto-metodologia marxiana; isto é, o trabalho é *um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio com a natureza*. Dessa maneira, quando o homem modifica a natureza externa, modifica a própria natureza humana (MARX, 2003, p. 211).

¹ Utilizamos a tradução de Manuel Sacristan para o espanhol da obra *Estética I: la peculiaridad de lo estético* de Georg Lukács. A tradução para o português, por seu turno, é livre e de nosso próprio punho.

Nesse sentido a relação do homem com a natureza vai paulatinamente se distanciando de uma relação específica de atendimento das necessidades básicas, configurando-se em uma relação que se confronta com inúmeras possibilidades no que se refere a forma de atendimento dessas mesmas necessidades, o que marca a passagem da evolução biológica para a história social.

Precisamos agora, recuar um pouco na história dos homens para clarear a separação da espécie humana da esfera eminentemente biológica. Como define Lukács: [...] *a differentia specifica do trabalho humano, o princípio substancial que diferencia do “trabalho dos animais”* [...] (1968, p. 48, negritos e aspas do original). Podemos, ilustrar como exemplo de luta do conjunto dos homens para dominar o novo, para conhecer o desconhecido, para transformar a natureza a partir do ato teleológico de domínio do fogo. O filme realizado por Jean-Jacques Annaud, *A Guerra do Fogo* (1981) nos dá grande contribuição. A ficção expõe três grupos de hominídeos em luta constante para garantir sua vida material. Para tanto o fogo é ora tratado como algo sobrenatural, como dádiva e como matéria a ser dominada. Nesse último caso, os hominídeos detém a tecnologia².

A imagem criada artisticamente a partir de dados científicos da realidade nos leva a refletir diversas dimensões da reprodução intelectual da realidade que os hominídeos tiveram que realizar até alcançarem a condição de *homo sapiens sapiens*. Executando seus atos e refletindo sobre eles os hominídeos conseguem um constante progresso de iluminação e de riqueza da determinação do que investigam (o fogo) e de sua conexão sistemática. Sobre isso, consideremos o que nos diz Lukács:

Mas o progresso-assim alcançado não é somente um avanço, um aprofundamento progressivo na essência do objeto que se procura entender, a não ser que ademais – só se realmente foi conseguido de forma dialética – lançará nova luz sobre o caminho no passado e já recorrido, e haverá transmissão em um sentido mais profundo (1982, p. 29).

O surgimento da ciência, nessa perspectiva, fica atravessado pelo cotidiano, que a apresenta, mas ao mesmo tempo a esconde, apresentando nesse contexto um caráter dialético, que abarca a ação incipiente de construção do conhecimento e da ciência, necessitando, porém, ultrapassá-la como forma de apreender radicalmente a realidade.

² Álvaro Vieira Pinto comprehende tecnologia como sendo o valor fundamental e exato de “logos da técnica”. Para essa filósofo, “a ‘tecnologia’ tem de ser a teoria, a ciência, o estudo, a discussão da técnica, abrangidas nesta última noção as artes, as habilidades do fazer, as profissões e, generalizadamente, os modos de produzir alguma coisa” (2005, p. 219).

Bibliografia

- ANNAUD, Jean-Jacques. **A Guerra do Fogo** (La Guerre du feu, 1981, FRA/CAN).
- HELLER, Agnes. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Ediciones Península, 1970.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- LUKÁCS, Georg. **Estética 1: La peculiaridad do lo estético**. Barcelona: Grijalbo, 1982.
- _____. **Introdução a uma estética marxista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política (livro primeiro, vol I)**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.
- PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.